

Notas Sobre Corpo, Moda e (Des)Territorialidades

Lorena Pompei Abdala

Doutoranda pelo Programa de
Pós-graduação em Arte e Cultura Visual, FAV/UFG
loabdala@gmail.com

Resumo

Este artigo versa sobre as práticas de si como mediadoras do processo de construção das identidades, as quais legitimam as existências sócio-culturais dos sujeitos pelo suporte da roupa e do corpo. O corpo entendido como fronteira que traça relações complexas entre o sujeito e o mundo torna-se um artefato da presença, espaço para agenciamentos sociais, já que as trocas simbólicas ocorridas pelos eixos da identidade e da alteridade provocam (des)territorializações das representações do corpo, lhes conferindo, assim, novas (re)significações. Palavras-chave: corpo; moda; identidade; subjetividade

Abstract:

This paper discusses about the practices of self as mediators of the construction of identities, which legitimize socio-cultural existences of subjects supported by the clothes and body. The body understood as a border that maps complex relationships between the subject and the world becomes an artifact of the presence, a space for social agencies whereas the symbolic exchanges that occur between the axles of identity and otherness cause (de) territorialization of body representations, attributing thus new (re) significations. Keywords: body; fashion; identity; subjectivity



Falar sobre o corpo é um tanto complexo à medida que podemos direcionar o assunto para diversas abordagens: médica, antropológica, sociológica, artística etc. Neste breve esboço, o recorte de abordagem será sobre os discursos do corpo pelo suporte da roupa como prática social e simbólica do corpo expressivo.

Território tanto biológico quanto simbólico, processador de virtualidades infindáveis, campo de forças que não cessa de inquietar e confortar, o corpo talvez seja o mais belo traço da história da vida. (SANTANNA, 2001, p. 3)

Não interessa aqui traçar um histórico sobre as concepções das noções do corpo ao longo do tempo e sim discutir algumas conceitualizações que dialogam dentro do recorte: corpo como território das subjetividades que permeiam a vida social.

A noção de Foucault, no primeiro volume da *História da Sexualidade*, “A vontade de saber”, toma o corpo humano como objeto asfixiado e engessado pelas relações de poder, retirando dos sujeitos a fluidez subjetiva; já nos segundo e terceiro volumes – “O Uso dos Prazeres” e “O Cuidado de Si” –, o autor retoma a condição subjetiva do sujeito.

Uma definição aproximada do conceito de Foucault sobre o corpo aponta para além do conceito de genealogia, hereditariedade fenotípica e tradição cultural, apoia-se no sentido de que os corpos são espaços sociais que se transformam conforme a localização histórica. O corpo seria uma construção criativa da imagem social.

Todo corpo contém a virtualidade de inúmeros outros corpos que o indivíduo pode revelar tornando-se arranjador de sua aparência e seus afetos [...]. Só resta o corpo para o indivíduo acreditar e se ligar. (LE BRETON, 2003, p. 32)

Há um intercâmbio contínuo entre as partes das nossas imagens corporais e das imagens corporais dos outros, deste intercâmbio é que operam os eixos da identidade e da alteridade.

O modelo postural do corpo é uma construção criativa em devir. A imagem corporal não opera em *gestalts* fixas porque ela atua em meios dinamizados da percepção, nos quais cada estímulo visual e simbólico resulta em uma representação diferente e simultânea. Os processos são fluídos e rizomáticos ao que se refere à expressão da construção de si.

Sendo assim, entendido como um artefato da presença, o corpo é a matéria essencial para a manipulação de si. Espaço para agenciamentos sociais, já que as trocas simbólicas ocorridas pelos eixos da identidade e da alteridade provocam desterritorializações das representações do corpo, lhes conferindo, assim, novas significações. Ou seja, as apropriações e trocas simbólicas entre os sujeitos promovem novas *gestalts* corporais, que os localizam enquanto *personas* sociais e culturais. A cada nova narrativa/*gestalt* do corpo criadas, temos a formação de um novo território simbólico.

Se as fronteiras do homem são traçadas pela forma que o compõe, tirar dele ou nele acrescentar outros componentes metamorfoseia sua identidade pessoal e as referências que lhe dizem respeito diante dos outros. Em suma se o corpo é um símbolo da sociedade [...] qualquer jogo sobre sua forma afeta simbolicamente o vínculo social. Os limites do corpo esboçam em sua escala a ordem moral e significante do mundo. Pensar o corpo é uma outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social: qualquer confusão introduzida na configuração do corpo é uma confusão introduzida na coerência do mundo. (LE BRETON, 2003, p. 223)

Foucault diz que devemos escapar da alternativa do “dentro” e do “fora” e nos atermos às fronteiras, pois são nas zonas limítrofes que ocorrem os conflitos e as reflexões. Pensando assim, o corpo torna-se uma fronteira que separa os sujeitos do mundo externo e, como bem disse David Le Breton, qualquer alteração nesta fronteira altera também os vínculos sociais. Sendo assim, é na corporeidade que a sociedade se integra com seu universo autorrepresentativo.

Para Le Breton o corpo é entendido como um objeto transitório que permite inúmeros

emparelhamentos, pois nos articulamos em representações provisórias que se ordenam conforme o momento. O corpo torna-se um artefato da presença, matéria-prima esperando ser modelada e que se tornará a peça principal da afirmação pessoal, pois se configura como um *alter ego* do sujeito, um vestígio significativo de si.

Em outras palavras, o corpo cria *gestalts* não fixas que se articulam em narrativas visuais dinâmicas e em modificação constante. O corpo, neste sentido, torna-se espelho do sujeito. Espelho que pode refletir quem se é de fato, quem se gostaria de ser ou ainda um misto das duas coisas.

O corpo torna-se emblema do *self*. A interioridade do sujeito é um constante esforço de exterioridade, reduz-se a sua superfície. É preciso se colocar fora de si para tornar-se si mesmo. Mais do que nunca, repetindo Paul Valéry, “a pele é o mais profundo”. (LE BRETON, 2003, p. 29)

Para Le Breton, a relação do sujeito com seu corpo está na ordem do domínio de si, que é o princípio que o vincula ao princípio das práticas de si de Foucault. As sociedades contemporâneas consagram o corpo como emblema de si. A posse de si levaria à orientação da existência de si.

Mencionando brevemente a filosofia de Deleuze e Guattari sobre “O Corpo sem Órgãos”, temos a configuração do corpo como um ideal, um modelo comportamental a ser atingido. O “CsO”, para os autores, não é um “não-corpo”, mas sim um corpo instituinte da construção criativa da imagem social. É o corpo da experiência em que o sujeito torna-se agente de si mesmo, permitindo-se a fruição e o intercâmbio com o mundo à sua volta. O “CsO” é uma prática de si que se desenvolve por agenciamentos da experiência ontológica dos sujeitos.

Deleuze e Guattari falam de “agenciamentos” que seriam o mesmo que rizomas: um conjunto de singularidades extraídas do fluxo entre as conexões que estabelecemos. Eles se organizam de modo a se articularem convergidos natural e artificialmente em multiplicidades. Podemos ilustrar os agenciamentos como o caso da “Vespa e da orquídea”, citado no volume 1 de *Mil Platôs*:

A orquídea se desterritorializa, formando uma imagem, um decalque de vespa; mas se reterritorializa sobre esta imagem. A vespa se desterritorializa, no entanto, tornando-se ela mesma uma peça no aparelho de reprodução da orquídea; mas ela reterritorializa a orquídea transportando seu pólen. (DELUZE; GUATTARI, 1995, p.18)

Trazendo a analogia da vespa e da orquídea para as relações sociais temos a configuração dos agenciamentos que os sujeitos articulam devido às experiências consigo, já que as trocas simbólicas na sociedade resultam em devir. Nestes processos, as multiplicidades criam novos territórios, novas configurações que se refletem no corpo expressivo. A vida social interfere, diretamente, na materialização da subjetividade nos corpos.

Em *Adeus ao Corpo*, Le Breton, expõe teorias como a obsolescência do corpo, os *cyborgs*, a inteligência artificial, Projeto Genoma, os corpos virtuais; entretanto, o autor conclui ao final do livro que a morte do corpo seria absurda, já que os meios cibernéticos não livram os corpos do cansaço, da fome, do sono, das doenças, por exemplo. Podemos criar virtualmente diversos arquétipos da identidade, muito embora não tenhamos controle sobre a organicidade de nossa matéria.

Ainda sim, mesmo sem o controle da condição orgânica do corpo, por completo, um ponto deve ser levado em consideração: o corpo é um fator de individuação. A sociedade fragmentada ao mesmo tempo em que conecta os sujeitos também os isola; neste sentido o individualismo torna o corpo como último local da soberania pessoal, território da subjetividade.

A corporeidade como território em devir é um “material a ser lavrado, segundo as orientações de um momento.” (LE BRETON, 2003, p. 31). O sujeito é responsável por moldar sua existência, buscando arenas simbólicas que mais se aproximem com a ideia que se tem de si. O corpo é uma superfície de projeção cultural e social.

Isolado estruturalmente pelo declínio dos valores coletivos do qual é ao mesmo tempo beneficiário e vítima, o indivíduo busca, em sua esfera privada, o que não alcança mais na sociabilidade comum. (LE BRETON, 2003, p. 53)

Neste sentido, o corpo torna-se um *alter ego* do sujeito porque ele se configura como uma forma acessível para a transcendência pessoal. A possibilidade da experiência de si pelas práticas da moda, da intervenção cirúrgica, das terapias, das massagens, da tatuagem, dos implantes etc., transformam-se em práticas sociais que forcem o olhar para si e forcem o olhar do outro.

Le Breton nos chama a atenção sobre a questão do “olhar do outro”, pois a modernidade junto aos processos de individuação tornou as relações sociais mais distantes e, sendo assim, “a única consistência do outro é muitas vezes a de seu olhar”. (LE BRETON, 2003, p. 53)

Se o homem só existe por meio das formas corporais que o colocam no mundo, qualquer modificação de sua forma determina uma outra definição de sua humanidade. Os limites do corpo esboçam, em sua escala, a ordem moral e significativa do mundo. (LE BRETON, 2003, p. 87)

Há de se pensar então, que o corpo é uma medida do mundo e que os sujeitos tecem informações de acordo como os universos simbólicos em que estão inseridos, conferindo aos seus corpos as informações que lhes são pertinentes e possuem significância. As ações sobre o corpo são uma forma de interpretação, uma propriocepção, reflexo do mundo cultural percebido e vivido. A cada intervenção dos sujeitos sobre seus corpos, novas humanidades são criadas.

Se as subjetividades e as identidades culturais estão inscritas nos corpos dos sujeitos e se há na vestimenta uma intimidade, talvez carnal, com os corpos, podemos atribuir à moda a condição de ser o instrumento mais efetivo e imediato sobre a intervenção corporal. A moda ao longo da história foi uma das responsáveis pela apresentação estética dos corpos, pois as subjetividades são sociais.

A significação do corpo converte-se em comunicação uma vez que o discurso do corpo propõe linguagens que são codificadas pelo vestuário. A construção estética de si implica em uma ressignificação corporal, pois a subjetividade como agente social é um

mecanismo de transformação sobre o corpo. Pelo traje, o corpo é reinventado, espaços sociais são reinventados. A moda implica em práticas sociais, localizando narrativas visuais conforme o espaço, o tempo e a cultura de imersão.

A liberdade em que vive o sujeito contemporâneo permite a manipulação de várias *personas* sociais ao mesmo tempo: no trabalho, no lazer, em família, por exemplo. A apropriação dos códigos da moda permite um deslizamento por inúmeros papéis sociais na construção da identidade. O sujeito assim torna-se portador de identidades múltiplas.

A cada território criado uma nova configuração de si é moldada, pois a moda consegue redefinir as identidades sociais uma vez que um mesmo artefato pode adquirir várias significações conforme a localização simbólica.

Os discursos que a moda proporciona aos sujeitos permitem que os mesmos exercitem a autoidentidade pela prática de si e percebam a identidade social dos grupos na sociedade. É desta dinâmica, como foi mencionado anteriormente, que Foucault localiza o sujeito: pelos eixos da identidade e da alteridade.

Todo sujeito se define pelas relações simbólicas com certo número de outros sujeitos, pertencentes ao mesmo grupo social ou não. O eixo da identidade conduz o sujeito à noção de pertencimento, à percepção sobre o individual e o coletivo, enquanto que a alteridade conjuga o sujeito pela relação do si-mesmo e do outro. Ou seja, o eixo da identidade opera em uma esfera social e o eixo da alteridade opera em uma esfera individual.

O paradoxo diário do si-mesmo e do coletivo, que estabelece as fronteiras do individual e do social, é que dá ferramentas para que os sujeitos pratiquem a experiência da identidade. É na práxis do cotidiano e na percepção da diferença que os sujeitos absorvem informações que serão materializadas pela práxis da moda.

A moda como prática social, portanto, dá a este sujeito a possibilidade da manipulação de seu corpo social e de seu corpo individual. A conjunção dos dois corpos pode ser verificada nas narrativas visuais que estes projetam na sociedade.

“A classe social está se tornando menos importante na formação da autoimagem do indivíduo.” (CRANE, 2006, p. 35). As classes sociais perdem força porque hoje vivemos uma sociedade fragmentada em que os grupos se ligam segundo convenções de valores, modos de ser e estilos de vida que refletem os perceptos sobre o mundo.

Neste sentido, a cada hipersegmentação cultural na sociedade temos a configuração de novos universos representativos que se singularizam, dentre outras formas pelo modo de como as pessoas interpretam a cultura para seu próprio uso: a moda. Segundo Diane Crane, a adoção de um estilo de vida como uma proposta simbólica para a práxis de si pela moda seria muito mais relevante do que a questão da classe social, pois os sujeitos teriam na primeira opção um maior nível de influência.

O grande ganho da sociedade fragmentada é que o grande leque de opções culturais dispostas na sociedade liberta os sujeitos da tradição, permitindo os mesmos experienciar a práxis de si pela imersão em várias das possibilidades da autorrepresentação. “O indivíduo constrói um senso de identidade pessoal ao criar narrativas próprias que contenham sua compreensão do próprio passado, presente e futuro.” (CRANE, 2006, p. 37)

A percepção dos sujeitos sobre a cultura em que estão imersos muda constantemente porque a própria cultura está em condição de devir. Mudam-se também, neste contexto as referências sobre a identidade e a autorrepresentação na sociedade, pois as identificações são um processo contínuo, as narrativas são criadas de acordo com o universo simbólico situados no espaço e no tempo.

Os corpos são projetados pelo enlace da hibridização, tornam-se pelo suporte da roupa, espaço para a manifestação de bricolagens filosóficas, nas quais as costuras entre o “eu” e o coletivo tornam-se visíveis, constituindo o todo.

Cada um faz simultaneamente a aprendizagem do geral e do particular, da essência e da existência, da ordem e do lugar que ela ocupa. A pessoa concreta só se realiza na dimensão do social, econômica e política que assinala seus limites. Ela não é toda a cultura, mas é toda a cultura no sentido complexo e completo do termo. (AUGÉ, 1999, p. 73)

A moda dá significação aos objetos culturais, pois ao trocar informações produz discursos que localizam e inserem os sujeitos em um grupo social. A práxis da moda oferece a estes a possibilidade da metamorfose, de evidenciar o singular, bem como o contrário, o camuflar pela similaridade.

Os discursos da moda na sociedade orientam-se tanto para as relações de aceitação com os padrões vigentes quanto para as relações de questionamentos dos papéis sociais e propostas de subversão de convenções, no caso da antimoda. Os discursos mediados pelas narrativas que os sujeitos criam sobre si-mesmos pelo suporte da roupa reverberam corpos socialmente sígnicos e os universos simbólicos por convenção codificam estes corpos, inserindo-os em nossos imaginários.

Em lembrança a Manoel de Barros que tão pertinentemente em sua obra fala sobre a aura dos sujeitos que almejamos experienciar, lemos o seguinte trecho:

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.
Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.
(BARROS, 1998, p.79)

Dentro de cada sujeito existem muitos outros sujeitos. A subjetividade não cabe apenas em uma *persona* e a poética da moda pode ser a forma mais acessível para alcançarmos nossos “eus”, de nos enfeitarmos de “borboletas”. Transcender de uma vida prosaica para uma vida mais colorida ainda que em um “pretinho básico”. Moda é devir, é discurso. Uma narrativa da identidade que deixa rastros dos sujeitos no mundo. Práticas sociais que tecem nossa existência pela poética que produzimos de nossos corpos.

Referências Bibliográficas:

- AUGÉ, Marc. *O Sentido dos Outros*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BARROS, Manoel. *Retrato do Artista Quando Coisa*. São Paulo: Record, 1998.
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- _____. *Sistema da Moda*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- BHABHA, Komi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2003.
- BOLLON, Patrice. *A Moral da Máscara: Merveilleux, Zazous, Dândis, Punks, etc.* Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CASTILHO, Kathia e GALVAO, Diana. *A Moda do Corpo e o Corpo da Moda*. São Paulo: Editora Esfera, 2002.
- CASTILHO, Kathia. *O Discurso da Moda: Semiótica, design e corpo*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.
- CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: Classe, Gênero e Identidade das roupas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.
- DELEUZE, Giles. *A Dobra: Leibniz e o barroco*. Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrênia*. Vol.1. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1: A vontade de Saber*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- _____. *História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- _____. *História da Sexualidade 3: O Cuidado de Si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- LE BRETON, David. *Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- SANT'ANNA, Denize Bernuzzi. *É possível Realizar uma História do Corpo?* In: *Corpo e História*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.